

1. O presente trabalho foi apresentado como texto base para uma discussão em Reunião da SOTER-SÃO PAULO de 6 a 8 de julho de 1993

2. CELAM, *Santo Domingo: Conclusões*. Nova Evangelização. Promoção humana. Cultura cristã. Jesus Cristo ontem, hoje e sempre. São Paulo, Loyola, 1993.

3. Queremos destacar apenas a Semana de Estudos Teológicos, realizada em São Paulo, 15 a 20 de outubro de 1985, promovida pela CNBB e CIMI, em CNBB/CIMI, *Inculturação e libertação*. São Paulo, Paulinas, 1987; e a IV Semana de Estudos Interdisciplinares, organizada pela CNBB, realizada em São Paulo, 16 a 20 de outubro de 1989, Em P. SUESS (org.), *Culturas e evangelização*. São Paulo, Loyola, 1991.

4. Cfr. J.B. LIBÂNIO num artigo no jornal O SÃO PAULO, 13 de outubro de 1989.

5. Cfr. M.Cl. BINGEMER (org.), *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo, Loyola, 1992.

RELIGIÃO E CULTURA: A QUESTÃO DA INCULTURAÇÃO¹

A Conferência Episcopal de Santo Domingo (1992) abriu novamente o debate, desde o seu anúncio até a sua conclusão, sobre evangelização e cultura.² Retomou-se assim um tema importante na discussão sobre a inculturação³, que desde o Vaticano II vinha marcando a reflexão missiológica no mundo inteiro. A proposta de Santo Domingo de uma cultura cristã, de uma evangelização da cultura, não apenas despertou o interesse pelo tema, mas, dentro do atual contexto eclesial, também uma preocupação de um possível retrocesso, que a luta contra a injustiça para a transformação da sociedade pudesse passar para uma evangelização da cultura, num sentido culturalista⁴. Nestas discussões emergiu um novo desafio, a modernidade.⁵ Como evangelizar, como inculturar a fé na cultura moderna? O que ficou, é a tarefa da evangelização, que, para ser nova, não pode prescindir de uma inculturação libertadora.

Continuando esta discussão propomos uma abordagem antropológica de religião e cultura em vista da questão da inculturação. Devido à polissemia dos termos, faz-se mister elaborar, em primeiro lugar, os conceitos para depois determinar as relações que há entre religião e cultura, incluindo a questão do cristianismo, do lugar que lhe cabe no mundo das religiões, bem como seu papel em relação à(s) cultura(s). Por fim queremos apresentar algumas pistas para a reflexão teológica do tema inculturação. Não pretendemos retomar a discussão em toda a sua profundidade. Queremos apenas abrir o leque para a discussão destes dois dias de estudo.

1. CULTURA, O JEITO HUMANO DE SER, VIVER E RESISTIR

O ser humano nasce deficiente no plano genético quanto à sua adaptação ao mundo. Ele precisa tornar-se, com a ajuda

dos outros, ainda homem e/ou mulher.⁶ Esta inadaptação originária obriga-o a inventar e criar, a transformar a natureza para que ela se ajuste às suas necessidades e exigências. Enquanto o animal está com uma programação biológica fechada que o adapta ao seu meio ambiente, o ser humano, devido à falta de tal programação, tem que criar mecanismos de adaptação. Capaz de realizar esta tarefa, mostra-se adaptado à sua inadaptação biológica.

1.1. Os humanos constroem o mundo

O ser aberto faz que homem e mulher sejam os construtores de sua pessoa e do seu universo. Este processo de construção é dirigido por outros, pela família, ou, considerando um contexto maior, pelo grupo em que nasceram, ou pela sociedade da qual irão fazer parte, dentro das orientações, das normas desta. Entretanto, homem e mulher não são apenas objetos deste processo, eles participam ativamente, são co-construtores, não apenas da sua própria pessoa, mas também do seu mundo.

Homem e mulher, ao entrar neste mundo, estão diante da tarefa de fazer deste o seu universo humano, que “*é a exteriorização de seus valores e aspirações, a encarnação de sua intenção, a objetivação do seu espírito*”.⁷ A assim chamada natureza é transformada em mundo humano significante; “... *é um mundo interpretado. Isso nos autoriza a dizer que a natureza se revela plenamente, através da força do espírito humano*”.⁸

A cultura começa pelo corpo. Como todo ser vivo, homem e mulher enfrentam o problema da sobrevivência. Para isso organizam o seu sustento, seja apropriando-se, seja intervindo na natureza, para dela tirar o seu sustento. O ser humano, porém, não é determinado pelo organismo. “*Seu corpo é criativo, possuindo o poder de superar-se e de fazer nascer o inexistente. Além de buscar a satisfação de suas necessidades, o homem busca o sentido, que satisfaz os desejos do coração*”.⁹ Para poder se orientar estrutura o seu mundo vital, fazendo que o puro universo físico se torne um universo humano, onde a linguagem, o mito, a arte, a religião etc. têm o seu lugar. É pelo processo de simbolização que adota e cria sentido, novos fatos humanamente significativos.

A capacidade de simbolizar está estreitamente ligada à imaginação. Esta atividade criadora é “*resultante das condições de vida objetiva e de suas ausências, ... tendo em vista sua superação*”.¹⁰ O imaginário irrompe através da consciência da morte. As sepulturas do homem neandertalense são os primeiros indícios que homem e mulher começaram a diferenciar entre

6. “Homem e mulher”, neste trabalho, são pensados não no abstrato, mas sim na sua concretude, isto é, como indígena, negro(a), camponeses, operário(a), marginalizados etc.

7. R. ALVES, *A gestão do futuro*. Campinas, Papyrus, 1986, 128 cit. Em E.V.R. STORT, *Cultura, imaginação e conhecimento*. A educação e a formalização da experiência. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993, p. 21.

8. R. A. ULLMANN, *Antropologia. O homem e a cultura*. Petrópolis, Vozes, 1991, p. 85.

9. E.V.R. STORT, op. cit., p. 21s

10. Ibidem, p. 54

a realidade empírica (a morte) e um outro lado desta realidade (a idéia de uma outra vida, após a morte).

A morte mobiliza. Através da ação ritual, e talvez da palavra que a acompanha, o homem e a mulher começam a se estender a uma outra realidade, ou a uma outra dimensão da mesma realidade. A ornamentação, pintura etc. do morto indicam uma percepção que vai além da realidade imediata. “*Imagem, mito, rito e magia são fenômenos fundamentais, ligados ao surgimento do homem imaginário, complementando-se e associando-se a todas as coisas humanas*”¹¹ e mais adiante: “*As emergências mágicas, míticas, rituais e estéticas fazem surgir um universo antropológico e remetem-nos, todas elas, à natureza imaginária e imaginante do sapiens e à relação ambígua e difusa que constitui-se entre este e o meio ambiente*”.¹² A ambigüidade desta relação está na incerteza entre o real e o imaginário.

Todos os esforços de superar estas ambigüidades, sucessos e fracassos, estão guardados na herança cultural. “*Mas nem a prática e nem a cultura eliminam por completo as incertezas e fornecem todas as respostas. Sempre resta uma vasta zona de ambigüidade que é preenchida com crenças, espíritos, deuses, magias e teorias racionalizadoras. É característico do homem a possibilidade de colocar todas as criações em dúvida, e de criar coisas novas*”.¹³

É neste contexto que se situam ainda outros aspectos da cultura como a **eficácia** e a **gratuidade**; “*a vida precisa ser eficazmente defendida contra as possibilidades de uma morte biológica e social. A cultura que se constrói na resistência e na definição frente aos outros, tem sempre a dimensão de uma ‘conquista’ e de uma ‘dádiva’.* As culturas são construções do trabalho e do lazer, da luta e da contemplação, do cálculo e do acontecimento” e mais adiante, “*a sobrevivência do lúdico, da gratuidade e da memória pode ser tão importante como uma batalha ganha ou perdida. A gratuidade que rompe o círculo vicioso de causa-efeito e custo-benefício, representa uma crítica radical da dominação das relações humanas pelas relações do lucro*”.¹⁴

1.2. A cultura como humanização

Os símbolos criados pelos homens e mulheres, que acrescentam ao mundo sentido, revelando uma outra dimensão desta mesma realidade, ganham uma existência autônoma e voltam a invadir o mundo humano, formando a herança de um determinado grupo humano. Ela é interiorizada no processo de socialização, tornando-se a **segunda natureza de cada indivíduo**. “*A gênese e transmissão da cultura não podem ser pensadas a partir de indivíduos. Indivíduos não têm memória além de sua*

11. Ibidem, p. 32

12. Ibidem, p. 32

13. Ibidem, p. 39

14. P. SUESS, *O processo da inculturação*. Em VV.AA., *Santo Domingo: Uma leitura pastoral*. São Paulo, Paulinas, 1993, p. 62.

morte. ... A herança cultural — e a cultura sempre é uma herança novamente experimentada — é transmitida e aprendida em instituições coletivas do grupo".¹⁵

A cultura é resultado deste processo da transformação do mundo vital (ou seja natureza) em universo humano, englobando tanto o nível material como o nível simbólico. Ela constitui a identidade de cada grupo (sociedade) humano. Cultura é a forma de um grupo humano conceber o seu mundo e a maneira de viver neste. Cultura pode ser entendida como "código vital" (ou "jeito de ser"), elaborado e transmitido por um determinado grupo humano ao longo de sua história, constituindo a identidade deste mesmo grupo.

A cultura abraça, portanto, a vida toda, é um todo estruturado, composto de vários componentes ou subsistemas, níveis ou patamares diferentes: o nível material, referente ao trabalho de garantir o sustento; o nível social, que é a organização de convivência, a estruturação de parentesco, a estruturação da sociedade; e finalmente, o nível interpretativo, que inclui as normas morais, a Ética, a ideologia, as crenças etc.

Estes diversos subsistemas estão interrelacionados, possuindo ao mesmo tempo uma autonomia relativa. Em sociedades tradicionais, relativamente fechadas, estes subsistemas formam um todo harmonioso, tendo como eixo central as normas, a cosmovisão. Uma crise num dos subsistemas atinge todos os outros, o que gera desordem, disritmia procurando-se novamente a harmonia estabilizante (funcionalismo). Outro modelo de pensar as relações seria a partir do conflito como determinante destas relações, ou num determinismo (simplificado) que a base material, a infra-estrutura determina as outras, ou vice-versa, a super-estrutura determina o resto. É o modo de produção que determina a visão do mundo, a religião incluída, ou vice-versa?

Melhor seria partir da dialética que rege as interrelações entre os diversos níveis da cultura para mostrar que há mútuas influências simultâneas. "*Entender a cultura é, antes de tudo, entender a dinâmica cultural: na prática social, tomada como um todo, os homens continuamente reorganizam as suas representações (o modo como representam sua situação no mundo). Estas não são puro resultado acabado dessas práticas; elas são também a condição dessas práticas*".¹⁶

Na complexa sociedade moderna prevalece a autonomia relativa dos diversos elementos da cultura, além de reordenar os eixos culturais ao colocar a economia (o mercado) como eixo central. Este processo abre também espaço para um pluralismo dentro dos diversos subsistemas (pluralismo religioso, por exemplo).

15. P. SUESS, *Cultura e religião*. Em P. SUESS (org.), *Culturas e Evangelização*. São Paulo, Loyola, p. 46s.

16. L. R. BENEDETTI, *Afinal, o que significa cultura*. Em VIDA PASTORAL 23, n.158 (1991, maio-jun), p. 5.

A cultura é sempre um processo dinâmico, sujeito à mudanças que podem encontrar várias causas, sejam internas, com a emergência de novos sujeitos: mulheres, indígenas, negros etc., sejam mudanças no nível material ou interpretativo, ou causas externas, o contato, confronto com outras culturas.

1.3. As culturas se encontram

A cultura existe somente no plural. Não há a cultura, mas sim as muitas culturas, maneiras diferentes de ser, de conceber o mundo, de se organizar, numa palavra, de viver a existência humana. Via de regra, cada cultura se considera a cultura (absoluta). Já os nomes que os diversos povos se deram significam normalmente “gente”, “ser homem”, considerando os outros “não gente”, “bárbaros” ou “pagãos”. Parece que o etnocentrismo é inerente à cada cultura.

Historicamente, as relações entre as culturas estão marcadas por relações de desigualdade, dominação ou exploração.¹⁷ Cada cultura tende a ver a(s) outra(s) dentro de seus próprios moldes. Muitas vezes, há a tentativa de submeter a outra, impondo-lhe a sua maneira de ser, de pensar e de viver. O contato intercultural remete a questão de poder (militar, econômico, etc.). Uma cultura se sobrepõe a outra, impondo a sua língua, a religião, provocando na outra um conflito que pode ser resolvido, ou na forma de aceitação do novo modelo de viver — total ou parcialmente, ou na resistência à cultura dominante ou mesmo dentro da nova realidade criada. “As culturas dominadas e submetidas têm, muitas vezes, uma cosmovisão e uma prática que se esforçam para manter e defender-se: isso as constitui em culturas de resistência”.¹⁸

O encontro, contato ou confronto das culturas sempre nos remetem à visão que cada uma tem do outro. A alteridade do outro é vista como exótica, sub-humana, demoníaca, fascinante e complementar, dificilmente de reconhecimento e de respeito. É uma dificuldade inerente à nossa maneira de ser, que porém assume características próprias conforme a pertença à cultura dominante ou subalterna.

A nova situação mundial, com sua economia transnacional e principalmente com os meios de comunicação de massa, que tendem a fazer do mundo todo uma aldeia global, não seria momento do surgimento de uma cultura mundial? Seria esta a cultura adventícia? A história atual, porém, nos mostra ao mesmo tempo a revalorização de culturas regionais, acentuando ainda mais a diversidade subjacente em muitas sociedades. Há toda uma busca dos povos indígenas, dos afro-americanos em salvar ou re-encontrar sua identidade. Esta busca, portan-

17. CNBB, *Sociedade brasileira e desafios pastorais*. Preparação das diretrizes gerais da ação pastoral 91-94. São Paulo, Paulinas, 1990, p. 65.

18. *Cultura e evangelización*. Seminário CRT-Equipos. Em *CHRISTUS* 58, n.665 (1993, maio), p. 8.

to, não ocorre fora do contexto global que é a modernidade que constitui um processo irreversível, tomando conta até dos últimos rincões do mundo.

Neste contexto devemos ainda levar em consideração a cultura urbana que constitui entre nós um fenômeno pluricultural, devido às migrações, internas ou do exterior, tornando a cidade um aglomerado cultural. A cultura urbana é “por si múltipla, tem muitos mundos. É um verdadeiro mosaico. É uma cultura em constante movimento”¹⁹ e ainda: “A cidade é o espaço próprio do domínio da cultura dominante ... A sub-cultura é ... (o) campo de luta.”²⁰

A modernidade ou pós-modernidade caracterizando-se pela fragmentação do mundo, da consciência etc., com uma opção clara pelo pluralismo, significa o fim das grandes receitas unitárias, capazes de permear e orientar a vida toda. O pluralismo cultural faz que diversos “universos simbólicos, com suas respectivas instituições, (estão) concorrendo entre si para oferecer ao indivíduo sentido e estrutura para sua vida”²¹. Estabelece-se um mercado de bens simbólicos (Bordieu).

2. RELIGIÃO: A MANEIRA HUMANA DE LIGAR-SE AO TRANSCENDENTE

Neste processo de construção do seu universo humano, homem e mulher criaram também a sua religião, ou melhor as suas religiões, estes sistemas simbólicos que englobam crenças e convicções de fé, comportamentos resultantes destas (ritos), normas de conduta da vida e sentimentos. Esta concepção vê a religião como parte da cultura: A experiência da vida de determinado grupo, as estruturas culturais como a figuração política ou social, a maneira de organizar o trabalho ou modo de produção, agem sobre as representações que, por sua vez, servem para explicar o mundo e sua origem, para ordenar as relações sociais.

O culto expressa as relações das pessoas com as forças sobrenaturais, respondendo à ação destas sobre a esfera humana, ou para provocar uma tal ação. As normas de conduta não são simplesmente tiradas das exigências práticas da vida ou da sociedade, mas recebem uma fundamentação religiosa. Finalmente, os sentimentos expressam como estas representações, ações e normas são experimentadas e vividas.²²

2.1. A religião como cultura

Na cultura a religião ocupa tradicionalmente um lugar especial; é o cosmos sagrado, criado pelo homem e mulher para

19. Ibidem, p. 9.

20. Ibidem, p. 9.

21. M. de FRNÇA MIRANDA, *A salvação cristã na modernidade*. Em M.C.L. BINGEMER (org.), *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo, Loyola, 1992, p. 206.

22. O. GAECTER — J. QUACK, *Symbole, Magie und Religion*. Em ANTRHROPOS 84, (1989), p. 521.

estabilizar a cultura (o nomos, nas palavras de Peter Berger). As situações limites como sofrimento e morte, por exemplo, constituem para o homem e a mulher uma constante ameaça (um caos), exigindo sempre novas respostas, principalmente quando se chega ao que é culturalmente assegurado. “A religião representa o ponto máximo da auto-externalização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo”.²³

23. P.L. BERGER, *O dossel sagrado*. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 41.

24. Cfr. B. WELTE, *Christentum und Religionen der Welt*. Em *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft*. Bd. 26. Freiburg, Basel, Wien, Herder, 1980, p. 30-126.

Para situar o fenômeno religioso, voltamos a nossa reflexão sobre o ser humano.²⁴ O homem e a mulher são seres relacionais, são relação vivida. Seu estar-no-mundo pode ser apresentado como ser-em, ser-com ou em tantas outras formas. Assim o homem e a mulher somente são homem e mulher enquanto mais que este homem e mulher. Isto quer dizer, que se entende o ser humano como um estar constante debaixo de um apelo.

Tudo que existe ao seu redor, o seu ambiente natural e as outras pessoas, constitui para ele um apelo, exigindo-lhe uma resposta, que na maioria das vezes vem espontaneamente, quase instintivamente. O sorriso de uma criança provoca alegria, satisfação etc. Os apelos que nos atingem constantemente, porém, podem ser fortes ou fracos. Da mesma maneira, a resposta pode ser forte, fraca ou, devida à liberdade do homem e da mulher, ser negada.

Há ainda a possibilidade de o homem e mulher se fecharem diante destes apelos. Entre estes, eles distinguem apelos que lhes vêm de uma outra dimensão, transcendente à realidade imediata dada. O ser humano é um ser aberto para a transcendência. É no finito que ele experimenta algo ou alguém superior a ele, capaz de influir nos fenômenos naturais e ordenar a ordem social.

2.2. A relação religião e cultura

A religião é uma grandeza viva resultando do jogo entre apelo e resposta. Ela pode ser vista como duas palavras que se complementam, o apelo que vem de uma realidade por ele considerado Sagrado e a resposta do homem e mulher a este apelo. Neste contexto, a distinção entre fé e religião perde a sua importância. São duas grandezas inseparáveis e inconfundíveis. Uma distinção que contrapõe fé e religião (Barth) vê na religião apenas o esforço humano, a construção humana do Sagrado e na fé a ação de Deus, o dom gratuito, sem levar em consideração a “unidade do processo religioso concreto no qual

a fé sempre se encontra encarnada numa religião e uma religião remete ao seu núcleo vital gerador, a fé".²⁵ A fé, para ser vivida, precisa necessariamente se exteriorizar. E nisso há um único recurso, usar o 'código cultural'.

Quando falamos em religião, normalmente referimo-nos apenas à segunda palavra, a exteriorização do Sagrado. Tanto a primeira palavra, que constitui a experiência interior do homem e mulher, quanto a segunda palavra, que é a sua resposta a esta experiência, são culturalmente dadas. Isto quer dizer, que os outros níveis da cultura moldam experiência e resposta. Cultura neste sentido não é apenas o revestimento, mas também condição.

Religião não existe sem a cultura, nem fora da cultura, ela "não pode atingir o homem a não ser através das medidas culturais de seu tempo. Todo discurso humano sobre Deus e sobre o homem, isto é, toda teologia, é sempre um todo cultural elaborado pela história. Não existe religião que não se encarne em fiéis imersos em culturas particulares. Os laços que regem as relações entre religião e cultura são tão complexos quanto inevitáveis, ora marcados por uma violenta oposição, ora por um desejo real de aproximação. A própria história dessas relações coloca o problema capital da autonomia eventual de uma com relação à outra, em nossas sociedades modernas".²⁶ É possível que uma religião possa ser vivida em várias culturas, como é o caso das religiões universais, como também uma e mesma cultura pode abrigar várias religiões. A modernidade, com a emancipação dos diversos setores da cultura, propicia um pluralismo religioso.

O interrelacionamento entre religião e cultura torna-se relevante para o cristianismo quando afirma que se encontra culturalmente expressa e ao mesmo tempo está acima de todas as culturas. No dizer de Paulo VI, "o evangelho, e por consequência também a evangelização, não se identificam com a cultura e são independentes com relação a todas as culturas. Contudo o Reino, que o Evangelho anuncia, é vivido por homens profundamente ligados a uma cultura, e a construção do Reino não pode prescindir dos elementos da cultura e das culturas humanas. Embora não pertençam a nenhuma cultura, o Evangelho e a evangelização não são incompatíveis com elas, mas capazes de penetrar em todas elas, sem ficar escravas de nenhuma".²⁷

3. INCULTURAÇÃO: O JEITO HUMANO DE VIVER E EXPRESSAR O EVANGELHO

O cristianismo é uma religião missionária que procura o caminho "ad gentes", tendo a pretensão de poder ser vivida em todas as culturas, por ser "independente com relação a to-

25. L. BOFF, *Igreja. Carisma e poder*. Petrópolis, Vozes, 1981, p. 155. Fé é entendida aqui como "a acolhida da abertura transcendental para o Mistério" e religião como "a sua expressão histórico-cultural".

26. M. MESLIN, *A experiência humana do divino*. Fundamentos de uma antropologia religiosa. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 52.

27. *Evangelii Nuntiandi*, n. 20.

28. Ibidem.

28a. Referindo-se aos três primeiros séculos, E. HOORNAERT fala do encontro inicial do cristianismo com o paganismo, dizendo: “*Sem o paganismo o cristianismo perde o seu valor e se torna um ‘judaísmo’ seco e infértil. Pois o paganismo revela os problemas concretos com os quais a evangelização tem que lidar, como por exemplo, a ansia pela saúde, vida justa, paz, terra e felicidade. O paganismo é tão necessário ao cristianismo como o chão às plantas que nele enraizam ... O paganismo traz vigor ao cristianismo, pois lhe oferece a oportunidade de testemunhar a fé*”. E. HOORNAERT, *O CEBI diante dos 500 anos*. Em *A PALAVRA NA VIDA* (CEBI) 59/60 — (1992), p. 45.

29. *Cultura y evangelización*. Seminário CRT-Equipos. Em *CHRISTUS* 58, n. 665 (1993 maio). p. 10 (a tradução deste e dos outros textos estrangeiros são do autor).

30. Ibidem.

das as culturas”.²⁸ Ele é uma religião de inculturação, indo às culturas e recebendo das culturas, sendo ele mesmo, nas suas concepções, ritos e normas, resultado de muitas culturas. Há uma interação entre a fé cristã e a cultura, elas se influenciam mutuamente, sem se confundirem.^{28a}

3.1. *Relações tensas entre cultura e religião*

A história da evangelização, porém, mostra as dificuldades que estiveram e estão presentes na realização desta tarefa de inculturar-se. O reconhecimento, o respeito, a estima e a aceitação da cultura dos outros, nem sempre foram a regra da evangelização. O contato do Evangelho com outras culturas, via de regra, estava marcada mais pelo conflito e rejeição da cultura do outro, o que revela toda a dificuldade que a Igreja, os missionários tiveram no encontro com o outro. Também hoje, os desafios da inculturação do Evangelho plantam enormes dificuldades, tanto no plano teórico quanto no prático, ainda mais quando pensamos na pluralidade cultural do nosso continente, ou nas nossas cidades em sua complexidade cultural...

A inculturação do Evangelho não significa simplesmente evangelização da cultura, ou criação de uma cultura cristã. Está aí presente todo o perigo de um etnocentrismo cultural com sua imposição colonial da própria (única) maneira de ser e do desrespeito do outro e do desconhecimento dos valores de sua cultura. Inculturação do Evangelho deve ter presente a íntima relação entre pessoa e cultura. “*A cultura como totalidade social desde o ponto de vista das concepções, das ideologias, dos valores, é um produto humano, é uma feitura dos homens; ao mesmo tempo, os homens, cada homem em particular, são num sentido verdadeiro, produto da totalidade social, são moldados à sua imagem e semelhança. Isto nos ajuda a superar a concepção mais ingênua de que o objeto imediato da evangelização é a cultura*”.²⁹

A inculturação do Evangelho não é um simples ajustamento exterior de fórmulas de fé, de ritos litúrgicos. É entrar no modo de viver, no jeito de ser (na cultura) de nós e dos outros com novos olhos capazes de descobrir a ação do Espírito de Jesus. “*Por isso, diante das culturas, evangelização, muitas vezes, significará em primeiro lugar descobrir este Evangelho na cultura, viver este Evangelho com os membros dessa cultura e assim fazer surgir nela a pergunta por Jesus Cristo, a razão da nossa vida e nossa esperança*”.³⁰ Isto significa que o Evangelho deve permear todos os níveis da cultura, que como realização humana possui os seus valores e suas limitações.

A evangelização tem como interlocutor não apenas as diversas culturas, não apenas os homens e as mulheres de dife-

rentes culturas, mas também as diferentes religiões, das quais são portadores. A história da missão mostra que a evangelização se interessava mais pelos muitos pagãos e não tanto pelas muitas religiões (não-cristãs). Talvez esteja aqui o maior desafio para a evangelização. As tentativas de diálogo das últimas décadas mostram a dificuldade que o cristianismo tem no encontro com as outras religiões. Não é apenas o diálogo com as chamadas Grandes Religiões que não produziu os efeitos esperados, também a reflexão teológica sobre as religiões não-cristãs não conseguiu muitos resultados. Uma Teologia das Religiões está ainda por ser feita.

3.2. Caminhos de diálogo entre culturas e religiões

A história da missão mostra que o cristianismo teve sucesso (conseguiu convertidos — o mesmo vale para as outras religiões universais: Budismo, Islão etc. —) praticamente só entre os povos com religiões étnicas (circunscritos aos respectivos povos). Para elucidar tal fato, A. Pieris faz uma distinção interessante entre religiões cósmicas (religiões tribais) e religiões meta-cósmicas.³¹ Esta distinção nos ajuda a compreender que o encontro das religiões meta-cósmicas com as religiões cósmicas “é um encontro de cumprimento ou plenificação mútua, pois são complementares. Por isso não existe conversão radical de uma para a outra. Assim ‘inculturação’ nada mais significa que uma religião meta-cósmica encontrar seu ponto de inserção natural numa religião cósmica”.³² O contato entre religiões meta-cósmicas parece ser excludente. Pieris, referindo-se às tentativas de um contato entre religiões meta-cósmicas, feitas na Ásia, fala de um processo de “in-religionização”, que significaria o desenvolvimento “de uma nova identidade... dentro do gênio e do ethos de outra religião meta-cósmica”.³³

Não é por acaso, pois, que o diálogo foi proposto em primeiro lugar para as grandes religiões: budismo, hinduísmo, islão e não para as religiões indígenas. Será que para as religiões cósmicas não valeria o mesmo, um diálogo respeitoso? Pois a herança religiosa de cada povo é algo que deve ser respeitado. Na América Latina, os missionários encontraram religiões do tipo cósmico, logrando assim um substrato cristão, permeado porém por tantas outras tradições religiosas de origem. Falta ainda a “in-religionização” do cristianismo para ter a sua própria identidade indígena, afro-americana etc.

O cristianismo é a religião de uma pessoa e de sua mensagem. É mais um compromisso de vida do que um conjunto de crenças e ritos. Sua proposta se concentra na pessoa única de Jesus Cristo, do Jesus histórico de Nazaré, confessado como o Cristo, o Messias de todos. A revelação de Deus podia ter impor-

31. “A primeira abarca todas as culturas tribais e clânicas cuja religiosidade consiste em reverenciar a natureza e suas forças, seja na forma de um ser numinoso ou de um complexo numinoso de seres que êlsão, não obstante, parte do mundo a tal ponto que são abordados no contexto de uma espiritualidade ecológica. Animismo é um nome impróprio e pejorativo para designá-la. O culto dos espíritos e forças cósmicas, dos ancestrais...etc., É um elemento constitutivo desta religiosidade. A religiosidade meta-cósmica refere-se às chamadas grandes religiões que postulam a ‘existência’ de um horizonte imanentemente transcendental... o qual é encontrado salvificamente pelos seres humanos mediante conhecimento (gnosis) salvador e amor (agape) redentor respectivamente”. A. PIERIS, *Há lugar para Cristo na Ásia?* Em CONCILIIUM n. 246 (1993/2), p. 42.

32. *ibidem*, p. 42.

33. *ibidem*, p. 44.

tância somente numa cultura. O Verbo se fez homem numa determinada cultura, num determinado momento do povo judeu. Não somente a apresentação da revelação, mas também a resposta humana a esta estão ligadas à cultura, que constitui-se um direito inalienável de cada ser humano. Encontrando em Jesus Cristo a sua identidade, o cristianismo tem a tarefa de encontrá-lo, de mostrá-lo presente nas outras culturas e religiões.

3.3. O cristianismo inculturado

A evangelização deve dar-se dentro de determinada cultura. *“Cada povo tem o direito de interpretar e expressar sua experiência de Cristo através de sua cultura. Inculturação não é somente uma questão de tradução, como às vezes é entendida, senão também uma questão de interpretação. Neste sentido pode se falar da inculturação como um processo hermenêutico.”*³⁴

34. J. KAVUNKAL, *Comunicação interna SVD*, 1993-jun, p. 10.

Falar em inculturação hoje, deve levar em consideração também a cultura moderna, que apesar do processo de racionalização, de fragmentação da vida, da secularização, constata uma nova presença do sagrado, ou, de uma volta do Sagrado: *“sob este termo agrupam-se não só manifestações de cunho religioso, mas ainda paracientíficas, disfarçadas em embalagens religiosas, todas elas oferecendo ao homem um conhecimento e um controle (poder) sobre o seu campo vital, inacessível à racionalidade funcional ou por ela ignorado, como o futuro, o além e o próprio homem, seja em sua vida afetiva, seja na relação de seu corpo com a totalidade do cosmo. Teosofia, meditação transcendental, técnicas adivinhatórias, horóscopo, magia, seitas autoritárias, cultos afro, são alguns exemplos para a complexidade deste emergir do sagrado”*.³⁵ A evangelização e inculturação neste contexto, respeitando o pluralismo religioso e a liberdade de escolha, devem estar atentas aos sinais da presença do “Deus da vida”, bem como aos sinais da alienação e da presença dos “ídolos da morte”.

35. M.de FRANÇA MIRANDA, op. cit., p. 214.

Nos últimos tempos surge uma nova prática ecumênica que acontece na base, nos movimentos populares, na defesa dos povos indígenas, enfim das “culturas oprimidas”, que parece indicar também novos rumos para a questão. É aí que se procura dar continuidade ao projeto de Jesus que era e é o Reino de Deus.

É aí que encontramos a universalidade da pessoa histórica de Jesus, no seu anúncio e prática do Reino de Deus *“como justiça e libertação, paz entre os homens e entre os homens e a natureza. Este reino é anunciado aos pobres, aqueles que sofrem a opressão e a injustiça. Assim o reino se torna também juízo para os ricos. O Reino de Deus é um reino dos homens, não no sentido de legitimação do poder dos poderosos, mas como superação da oposição entre dominadores e dominados; é um presente, um dom (dádiva) de*

uma nova dignidade dada aos pobres. O Reino de Deus não é uma utopia de consolação (alienação), mas o futuro de Deus que já começa entre os pobres e na comunhão com eles — que começa quando emerge uma cultura da partilha, quando pela conversão se antecipa o Reino de Deus”.³⁶

É a partir daí que se concretiza a evangelização e onde encontramos os critérios para discernir os valores e desvalores nas culturas e religiões, sejam as nossas ou dos outros. “*Pertence ao ser cristão no seguimento de Jesus testemunhar o amor de Deus à vida e à justiça na história: a fé na encarnação de Deus não se limita à única encarnação do filho em Jesus Cristo; esta fé deve concretizar-se no engajamento, para que este amor e esta justiça sejam realizados entre os homens.*”³⁷

A inculturação é em primeiro lugar o processo de fazer que a fé seja importante para o povo, respondendo ao seu contexto, com suas implicações econômicas, políticas e históricas. Em outras palavras, é salvação feita história. Falar sobre inculturação sem um compromisso com a vida do povo, em sua religiosidade, em suas lutas e esperanças, permanecerá algo abstrato.

A inculturação e libertação são dois momentos complementares, os dois lados de uma mesma moeda. “*A primeira é como uma metodologia. O Espírito anima cada povo a ler com os olhos da cultura a Boa Nova e a pô-la em prática. A segunda é como o coração da fé: transformação humana, cultura e utopia, ruptura com o pecado e comunhão com Deus, quer dizer libertação-salvação*”.³⁸ Também Santo Domingo põe isso em relevo, quando diz que a “*meta da evangelização inculturada será sempre a salvação e libertação integral de determinado povo ou grupo humano, que fortaleça sua identidade e confie em seu futuro específico, contrapondo-se aos poderes da morte, adotando a perspectiva de Jesus Cristo encarnado, que salvou o homem partindo da fraqueza, da pobreza e da cruz redentora. A Igreja defende os autênticos valores culturais de todos os povos, especialmente dos oprimidos, indefesos e marginalizados, diante da força esmagadora das estruturas de pecado manifestas na sociedade moderna*”.³⁹

Uma inculturação libertadora, procura testemunhar a presença do Deus da Vida, a gratuidade do seu ser, manifestadas na pessoa de Jesus, no seu anúncio e na sua prática, especialmente “*lá, onde homens e mulheres são injustiçados e oprimidos, onde a paz corre risco, onde a dignidade humana é desrespeitada*”.⁴⁰

36. G. VERGAUWEN, *Jesus Christus — Universalität einer historischen Person*. Em KATBL n.118 (1993), p. 86.

37. *Ibidem*, p. 86.

38. D. IRARRAZAVAL, *Processos culturales y nuevas identidades*. Em CHRISTUS 58, n. 665 (1993-maio), p. 15; também em VV. AA., *Vida, clamor e esperança*. Reflexões para os 500 anos de evangelização a partir da América Latina. São Paulo, Loyola, 1992, p. 68.

39. CELAM, *Santo Domingo, Conclusões*, n. 243.

40. G. VERGAUWEN, *op. cit.*, p. 94.

Luiz Sutter
Professor de Antropologia da Religião.
Instituto Teológico São Paulo.